

O problema do racismo: um desafio para a psicanálise

Flávia Bonfim

Resumo

A proposta deste ensaio é pensar o racismo por meio das formulações teóricas de Freud e Lacan. Segundo a obra freudiana, o racismo pode ser entendido a partir do narcisismo das pequenas diferenças. Todavia, Freud acrescenta a essa questão a agressividade e o ódio inerente à dimensão humana, fruto da pulsão de morte. Com Lacan, o racismo pode ser lido como um ódio ao Outro em sua forma distinta de gozar, estando em funcionamento algo do mais-de-gozar do racista. Com isso, conclui-se que, apesar de ser possível encontrar alguns conceitos nas teorias freudiana e lacaniana que contribuam para pensar o racismo, esse tema ainda é um desafio para os psicanalistas brasileiros, visto que nosso campo ainda não formulou um estudo crítico compatível com a complexidade e a gravidade desse sintoma social.

Palavras-chave:

Racismo; Psicanálise; Narcisismo das pequenas diferenças; Pulsão de morte; Gozo.

The problem of racism: a challenge for the psychoanalysis

Abstract

The purpose of this essay is to think about racism through the theoretical formulations of Freud and Lacan. Through Freud's work, racism can be understood from the narcissism of small differences, however, Freud adds to this issue the aggressiveness and the hatred inherent in the human dimension resulting from the death drive. With Lacan, the racism can be read as a hatred of the Other in its distinctive way of jouissance, with something of the racist's surplus-jouissance at work. Thus, it is concluded that, although it is possible to find some concepts in Freudian and Lacanian theory that contribute to thinking about racism, this theme is still a challenge for Brazilian psychoanalysts since our field has not yet formulated a critical study compatible with the complexity and severity of this social symptom.

Keywords:

Racism; Psychoanalysis; Narcissism of minor differences; Death drive; Jouissance.

El problema del racismo: un desafío para a la psicoanálisis

Resumen

El propósito de este ensayo es pensar sobre el racismo a través de las formulaciones teóricas de Freud y Lacan. A través del trabajo de Freud, el racismo se puede entender a partir del narcisismo de pequeñas diferencias, sin embargo, Freud agrega a este problema la agresividad y el odio inherentes a la dimensión humana como resultado del pulsión de la muerte. Con Lacan, el racismo puede leerse como un odio hacia el Otro en su forma distintiva de gozar, estando em funcionamiento algo del mais-de-gozar de lo racista. Por lo tanto, se concluye que, aunque es posible encontrar algunos conceptos en la teoría freudiana y lacaniana que contribuyen a pensar sobre el racismo, este tema sigue siendo un desafío para los psicoanalistas brasileños ya que nuestro campo aún no ha formulado un estudio crítico compatible con La complejidad y severidad de este síntoma social.

Palabras clave:

Racismo; Psicoanálisis; Narcisismo de pequeñas diferencias; Pulsión de muerte; Gozo.

Le problème du racisme : un défi pour la psychanalyse

Résumé

La proposition de cet article est de penser le racisme à travers les formulations théoriques de Freud et Lacan. À travers l'œuvre de Freud, le racisme peut être compris à partir du narcissisme des petites différences ; cependant Freud ajoute à cette question l'agressivité et la haine inhérentes à la dimension humaine résultant de la pulsion de mort. Avec Lacan, le racisme peut être lu comme une haine de l'Autre dans sa manière distincte de jouir, étant en fonctionnement le plus-de-jouir du raciste. Ainsi, il est conclu que, bien qu'il soit possible de trouver dans la théorie freudienne et lacanienne certains concepts qui contribuent à la réflexion sur le racisme, ce thème reste un défi pour les psychanalystes brésiliens puisque notre domaine n'a pas encore formulé d'étude critique compatible avec la complexité et la gravité de ce symptôme social.

Mots-clés :

Le racisme ; Psychanalyse ; Narcissisme de petites différences ; Pulsión de mort ; Jouissance.

O racismo constitui um sintoma social que assola a vida das pessoas negras no Brasil, deixando marcas trágicas em níveis psíquico, social, econômico e jurídico. Em um país onde mais da metade dos habitantes são negros, correspondendo a 54% da população, vê-se, então, que estamos diante de um problema de grandes proporções. De maneira geral, tendemos a encarar o racismo pelo viés do preconceito ou da discriminação racial, do insulto e da violência, de uma pessoa ou um grupo sobre o outro. Contudo, Silvio Almeida (2018) considera ser preciso ir além dessa “concepção individualista”. Para ele, o racismo não corresponde apenas a um ato ou um conjunto de atos discriminatórios, mas a um processo sistemático, que se organiza por meio de condições de subalternização para um grupo racial (negros) e privilégios para outro grupo (brancos), reproduzindo-se no âmbito das relações cotidianas, mas também na política e na economia. Precisamente, Almeida (2018) busca ressaltar que o racismo, no Brasil, é estrutural, fundamentado em um processo histórico e político. Ele está na base de nossa estrutura social, no modo como se constituem as relações desiguais em termos sociais, políticos, econômicos e jurídicos, o que confere posições de vulnerabilidade aos negros.

Por outro lado, esse problema manteve-se recalcado, denegado e silenciado em função do mito da democracia racial. Assim, como forma de não mais contribuímos para esse silenciamento, bem como para estarmos à altura da subjetividade de nossa época — como nos orientou Lacan —, mas, sobretudo, para estarmos à altura dos processos subjetivos e das feridas simbólicas que advêm de nossa história como povo brasileiro, a psicanálise deve assumir o desafio de trabalhar o tema do racismo, tendo em vista que nosso campo ainda não formulou um estudo crítico compatível com essa questão social.

É digno de nota que não é possível encontrar, nem na obra de Freud, nem no ensino de Lacan, teorizações extensas que nos orientem a discutir o racismo. Como herdeiros desse arcabouço teórico, os psicanalistas só podem contar com algumas importantes indicações para se aproximar de um tema tão espinhoso quanto esse. Apesar do desafio que se impõe, assume-se como proposta deste trabalho recolher, nas teorizações freudianas e lacanianas, alguns conceitos que contribuam para uma leitura sobre o racismo, sem a intenção, todavia, de chegar a conclusões definitivas, mas apenas de fomentar que esse debate se coloque de forma mais decidida na psicanálise.

O narcisismo das pequenas diferenças e a dimensão da agressividade na obra de Freud

A referência ao “narcisismo das pequenas diferenças” pode ser encontrada em uma breve passagem do artigo “O tabu da virgindade” (Freud, 1918/2020). Nesse texto, Freud situa que o tabu se configura sempre que se teme algum perigo concreto, psíquico ou imaginário, e serve como fundamento para uma evitação.

Não obstante, Freud argumenta que esse perigo pode ser expressão dos próprios impulsos hostis do sujeito, que são projetados para o mundo exterior. Portanto, não é um perigo que está no outro, mas é algo do próprio sujeito.

Assim, Freud se serve do conceito de “tabu de isolamento pessoal”, cunhado pelo antropólogo social britânico Alfred Ernest Crawley, para apresentar a noção de narcisismo das pequenas diferenças. Segundo Freud (1918/1996), Crawley afirmava que cada pessoa se coloca separada da outra por meio desse tabu de isolamento pessoal, localizando em pequenas diferenças entre elas a base para o sentimento de estranheza e hostilidade. Freud, então, diz se tratar de um narcisismo das pequenas diferenças — uma dificuldade de relação e contato com o semelhante — que dá origem à hostilidade e ao ódio humano.

Essa discussão em torno do narcisismo das pequenas diferenças foi retomada no livro *Psicologia das massas e análise do eu*, de 1921 (Freud, 1996), e em *O mal-estar na civilização*, de 1930 (Freud, 1996). Precisamente em *Psicologia das massas*, Freud inicia esse tema a partir de sua discussão sobre o que produz laço grupal, identificando que, assim como o amor ao líder e a uma causa, “(...) o ódio contra uma determinada pessoa ou instituição poderia funcionar exatamente da mesma maneira unificadora e evocar o mesmo tipo de laços emocionais que a ligação positiva” (Freud, 1921/1996, p. 111).

Nesse sentido, Freud (1921/1996) propõe pensar a união grupal por meio do ódio também pelo viés da identificação dos membros de um grupo, no caso, por meio de uma aliança entre aqueles que se assemelham contra o que é identificado como diferente. Diante da diferença irreduzível que se coloca entre os sujeitos, para suportar qualquer possibilidade de união, de estabelecimento de uma comunidade, seria necessário um terceiro a ser situado no lugar de líder, de ideal do eu. Ou seja, para estar em um grupo, os sujeitos precisam se reconhecer minimamente como possuidores de traços uniformes, para se igualar, evitando sentimentos de aversão — o que implica uma limitação do narcisismo e uma intolerância por aqueles que estão fora do grupo.

A partir disso, Freud passa a discutir sobre a dimensão do ódio e do narcisismo. Começa chamando a atenção para o cerne das relações afetivas que existem entre as pessoas, apontando para a dificuldade que emerge com uma aproximação íntima de um sujeito com o outro. Ele pôde verificar que toda relação muito próxima entre duas pessoas (casamento; entre pais e filhos; amizades duradouras) tende a comportar sentimentos de aversão e hostilidade, que não são prontamente reconhecidos em função da ação do recalque. Para exemplificar, Freud comenta que povos com grau de parentesco estabelecem entre si uma distância, tal como o espanhol, que despreza o português, o alemão do sul, que não suporta o alemão setentrional, e o inglês, que difama o escocês. Mais ainda, quando as diferenças

são maiores, sentimentos de aversão insurgem, assim como se observa no povo ariano pelos judeus e nos brancos em relação aos negros (Freud, 1921/1996).

No livro *O mal-estar na civilização*, Freud (1930/1996) retoma o comentário sobre o fenômeno de rixas entre nacionalidades com laços de parentesco, afirmando que a noção de narcisismo das pequenas diferenças não fornece mais esclarecimentos sobre esse fato. Sua intenção é demarcar que isso tem origem na dimensão do ódio inerente ao humano, situando que o sujeito tem pulsões com elevado grau de agressividade. Considera, assim, que esse fator perturba a civilização e o relacionamento com as outras pessoas.

Servindo-se de sua teoria pulsional, Freud (1930/1996) compreende que essa cota de agressividade deriva da pulsão de morte. Em função da agressividade pulsional, a civilização busca manter sob controle tais pulsões por meio de formações reativas, expresso, por exemplo, pelo “Amarás o teu próximo como a ti mesmo”, o que Freud (1930/1996, p. 117) considera como um “(...) mandamento que é realmente justificado pelo fato de nada mais ir tão fortemente contra a natureza original do homem”. Ao questionar o caráter insustentável desse preceito, Freud descreve quem é esse “próximo”. Em suas palavras:

(...) o seu próximo é, para eles, não apenas um ajudante potencial ou um objeto sexual, mas também alguém que os tenta a satisfazer sobre ele a sua agressividade, a explorar sua capacidade de trabalho sem compensação, utilizá-lo sexualmente sem o seu consentimento, apoderar-se de suas poses, humilhá-lo, causar-lhe sofrimento, torturá-lo e matá-lo. *Homo homini lupus* [O homem é o lobo do homem]. (Freud, 1930/1996, p. 116)

Freud (1930/1996) estabelece que a restrição da agressividade é justamente aquilo a que a civilização almeja, mas fracassa, tendo em vista a dificuldade do homem em abrir mão dessa tendência pulsional agressiva. Assim, Freud entende que a evolução da cultura representaria a luta entre Eros — que tende a unir e a preservar — e a pulsão de morte — que tente a destruir e a matar. Dois anos depois, em uma carta endereçada a Einstein, a partir de seu questionamento “Por que a guerra?”, Freud (1932/1996) ratifica a questão da agressividade por meio da pulsão de morte, para sinalizar que os homens são facilmente incitados à guerra em função do “desejo de agressão e destruição”, para além de todos os motivos idealistas que as nações em conflito possam justificar. E continua: “(...) as incontáveis crueldades que encontramos na história e em nossa vida de todos os dias atestam a sua existência e sua força” (Freud, 1932/1996, p. 203). Ele encerra esse texto considerando que a civilização é o que nos torna seres humanos melhores, ao mesmo tempo que nos gera os maiores padecimentos. Nesse beco sem saída, só lhe resta concluir que, ainda assim, “(...)

tudo o que estimula o crescimento da civilização trabalha simultaneamente contra a guerra” (Freud, 1932/1996, p. 208). E podemos acrescentar: contra a destruição, a exploração e a opressão do humano pelo humano.

Comentários de Lacan sobre a segregação e o racismo

Ao se tomar o par racismo e segregação no ensino lacaniano, considera-se sua pertinência a esse debate, na medida em que segregar, isolar e separar uma parte do todo implica inevitavelmente marginalizar e excluir; logo, articula-se diretamente com o problema do racismo. Para Quinet (2009, p. 38): “A segregação dessubjetiva, que desconsidera o sujeito, trata-o como um rebotalho, um dejetivo a ser expulso. Trata-se de uma separação comandada pelo Outro até mesmo ao aniquilamento do sujeito.”

Posta essa relação, o percurso para abordar essas duas referências se dará por meio de um recorte no ensino de Lacan entre os anos 1967 e 1973, começando com a segregação. Na “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”, Lacan (1967b/2003, p. 263) afirma: “Nosso futuro de mercados comuns encontrará seu equilíbrio numa ampliação cada vez mais dura dos processos de segregação.” Essa afirmação com tom profético se insere a partir de uma discussão que deve comparecer no horizonte da “psicanálise em extensão” — ou seja, aquilo que concerne à sua transmissão no social, “como presentificadora da psicanálise no mundo” (Lacan, 1967b/2003, p. 251).

Sobre a função da transmissão da psicanálise no social, Lacan (1967b/2003) destaca a discussão sobre os campos de concentração nazistas — ressaltando que o tema não foi devidamente trabalhado, tendo vagado em uma questão do humanismo ao terror. Lacan considera que o nazismo constituiu um precursor dos processos segregatórios, que avançará a partir da universalização que promove os progressos da ciência e do capitalismo.

A ciência promove uma universalização, na medida em que anula as particularidades; logo, produz efeitos segregatórios. Quanto aos progressos do capitalismo, este promove um desmonte da identificação cultural. Além disso, favorece que uma minoria da população crie a ilusão de que tudo está a seu alcance, ao passo que outra parcela encontra-se excluída e segregada da lógica de mercado. Convém destacar que essa segregação de mercados alimenta ainda mais os discursos racistas. No Brasil, por exemplo, pelo fato de as pessoas negras terem menor acesso aos produtos mercadológicos, corroboram-se sua segregação e a manutenção do estereótipo de que os corpos negros são índice de criminalidade, prontos a roubar os objetos de mais-de-gozar dos brancos. Em nosso país, a segregação se coloca historicamente entre discursos, muros e objetos.

Ainda no ano 1967, Lacan (1967a/2003), no *Escrito* “Alocução sobre as psicoses da criança”, continua a abordar o tema da segregação, afirmando que se trata

de um problema de nosso tempo. Lacan (1967a/2003) pondera que estamos em uma época “planetária”, que emerge pelo dismantelamento de uma antiga ordem social imposta pelo imperialismo para uma questão de como fazer com que massas humanas situadas no mesmo espaço se mantenham separadas, apartadas, segregadas. Tal problema faz Lacan chamar os analistas para a responsabilidade de pensar sobre o que se passa na civilização. Eis que ele nos pergunta: “se trata de saber como responderemos, nós, os psicanalistas: a segregação trazida à ordem do dia por uma subversão sem precedentes” (Lacan, 1967a/2003, p. 361).

Avançando nessa discussão, Lacan (2009), em 1971, no *Seminário 18: de um discurso que não fosse do semblante*, tece comentários propriamente sobre o racismo. Com uma forma muito distinta e surpreendente de ler o fenômeno do racismo, Lacan o articula à dimensão do mais-de-gozar, situando por onde perpassou a identificação do povo alemão com Hitler. Ele (Lacan, 1971/2009) aborda a questão da identificação ao líder de uma maneira distinta do que podemos encontrar no livro *Psicologia das massas e análise do eu* (Freud, 1921/1996). Freud afirmava que o grupo se sustentava a partir da identificação ao líder, que era colocado no lugar de ideal do eu (I). Lacan (1971/2009, p. 28), por sua vez, diz que é outra coisa “que incita a identificação”, ou seja, “(...) uma identificação camuflada, secreta, que só pode ser uma identificação com um objeto enigmático, que pode não ser absolutamente nada, o pequeníssimo mais-de-gozar de Hitler, que talvez não passasse de seu bigode”. Ou seja, foi o objeto mais-de-gozar que Hitler encarnou e fez semblante que permitiu tamanha identificação.

Ainda que Hitler fizesse alusão ao cristianismo e a Deus, Lacan afirma que foi algo do objeto mais-de-gozar que capturou o povo alemão, e não uma dimensão mística, nem religiosa. Pelo contrário, o que estava mais engajado no fenômeno nazista foi algo do lado do discurso do capitalista: a mais-valia — conceito do qual Lacan se utiliza para forjar o mais-de-gozar. Esse conceito lacanianiano indica a tentativa do sujeito de recuperar um gozo que foi perdido ao entrar na linguagem. Podemos entender, assim, que o racismo, ao apontar para o mais-de-gozar, sublinha o fato de que o outro sobre o qual o discurso racista incide, destituindo-o de qualquer posição subjetiva, é tomado como o responsável por essa perda de gozo, que o sujeito busca incessantemente recuperar. A forma de gozo distinta aponta para um excesso, que pode vir a ser tomado como um roubo de gozo.

Lacan continua essa discussão de forma ainda mais surpreendente, sinalizando para o fato de que a idealização da raça ariana, apesar de ter sido usada como justificativa, não era um fato primordial para sustentar o discurso racista promovido por Hitler. E, assim, conclui: “(...) não há nenhuma necessidade dessa ideologia para que se constitua o racismo: basta um mais-de-gozar que se reconheça como tal” (Lacan, 1971/2009, p. 29), acrescentando: “todas as formas de racismo, na medida em que um mais-de-gozar é perfeitamente suficiente para sustentá-las,

são o que está agora na ordem do dia, são o que nos ameaça quanto aos próximos anos” (Lacan, 1971/2009, p. 29).

No ano seguinte ao *Seminário 18*, no texto “O aturdido”, Lacan (1972/2003) faz outra referência ao racismo, propriamente à questão da raça. Ele (Lacan, 1972/2003) pondera que, ainda que tenham tentado fundamentar a noção de raça e de racismo em uma perspectiva biológica, não é por esse viés que se constitui raça alguma, mas pelo que ele chama de “discurso em ação”. E acrescenta: “Ela [a raça] se constitui pelo modo como se transmitem, pela ordem de um discurso, os lugares simbólicos, aqueles que se perpetua a raça dos mestres/senhores e igualmente dos escravos” (Lacan, 1972/2003, p. 462). Com isso, Lacan ressalta que é a partir dos discursos que se demarca uma linhagem entre os que têm privilégios e os que podem ser considerados objetos dejetos.

Almeida (2018) salienta que há uma discordância sobre a origem da etimologia “raça”; por outro lado, considera ser possível dizer que seu significado sempre esteve ligado às tentativas de estabelecer classificações, primeiros em plantas e animais. Contudo, a partir dos meados do século XVI, tal noção passou a ser entendida aos seres humanos. Nesse caso, no interior de seu uso, “sempre há contingência, conflito, poder e decisão”, de tal forma que “a história da raça ou das raças é a história da constituição política e econômica das sociedades contemporâneas” (Almeida, 2018, p. 21). Ou seja, foi o interesse da expansão econômica mercantilista e, consequentemente, o conhecimento de novas terras e diferentes povos que forjaram o conceito de raça, em uma oposição entre “civilizado” e “selvagem”. A partir disso, o homem passou a ser objeto de estudo científico, para justificar as diferenças étnicas e a possibilidade de exploração do branco sobre o negro. Assim:

A biologia e a física serviram como modelos explicativos da diversidade humana: nasce a ideia de que características biológicas — determinismo biológico — ou condições climáticas e/ou ambientais — determinismo geográfico — seriam capazes de explicar as diferenças morais, psicológicas e intelectuais entre diferentes raças. Desse modo, a pele não-branca e o clima tropical favoreceriam o surgimento de *comportamentos imorais, lascivos e violentos*, além de identificarem *pouca inteligência*. (Almeida, 2018, p. 23)

Estamos, nesse sentido, diante de discursos. No *Seminário 19: ...ou pior*, Lacan (1972/2012) apresenta sua última aula tratando dos corpos aprisionados pelos discursos — o que vale dizer ser um dos efeitos do racismo, na medida em que ele busca encarcerar as pessoas negras e seus corpos a um lugar de inferioridade, em contraponto a uma superioridade moral, intelectual e estética dos brancos. O fim dessa aula desemboca justamente no racismo, reiterando a dimensão profética anunciada anteriormente sobre o aumento desse fenômeno, estabelecendo uma

relação de causa com a fraternidade. Em seus termos: “(...) saibam que o que vem aumentando, o que ainda não viu suas últimas consequências e que, por sua vez, se enraíza no corpo, na fraternidade do corpo, é o racismo. Vocês ainda não ouviram a última palavra a respeito dele” (Lacan, 1972/2012, p. 227).

Na parte final dessa aula, Lacan seguia tratando dos temas “irmão”, “irmandade” e “fraternidade”, apontando que tais noções não devem ser entendidas somente a partir dos bons sentimentos, que se espalham desde os ideais revolucionários da “liberdade, igualdade e fraternidade”, postos pela Revolução Francesa. A fraternidade é uma forma de laço social que se estrutura em torno da formação de um grupo no qual estão em jogo a identificação e a homogeneização de modos de gozo entre seus membros, tomados como irmãos. Logo, ele pressupõe de saída a segregação e o desprezo dos que estão fora dele, do que se configura como diferente, podendo chegar inclusive à perseguição, à violência e ao assassinato.

No ano seguinte, em 1974, Lacan (2003), em “Televisão”, é questionado por Jacques-Alain Miller a respeito de sua previsão sobre a “escalada do racismo” anunciada anteriormente. Taxativo, responde Lacan:

No desatino de nosso gozo, só há o Outro para situá-lo, mas na medida em que estamos separados dele. Daí as fantasias, inéditas quando não nos metíamos nisso. Deixar esse Outro entregue a seu modo de gozo, eis o que só seria possível não lhe impondo o nosso, não o tomando por subdesenvolvido. (Lacan, 1974/2003, p. 533)

Como entender esse enunciado lacaniano tão opaco? Primeiramente, Lacan retoma a ideia de que o racismo tem relação com o gozo — com o gozo do sujeito e com o gozo do Outro. Um gozo tão louco, excessivo e infamiliar que só pode ser tomado como Outro, como separado do sujeito. Assim, a estranheza própria do gozo passa a ser localizada no Outro. Para além disso, nessa resposta, Lacan parece condensar uma série de eventos em torno do neocolonialismo no continente africano.

O neocolonialismo ocorrido na segunda metade do século XIX foi fomentado pelo capitalismo na segunda fase da Revolução Industrial, no qual se buscaram recursos naturais na África, América, Ásia e Oceania, promovendo uma sistemática ocupação e exploração. Com Lacan, podemos dizer, então, que os franceses passaram a “se meter” com isso, sem, contudo, deixar o Outro entregue a seu modo de gozo, vindo a concretizar todo tipo de fantasia de superioridade e dominação física e sexual. Tomaram-se a diferença cultural e a forma de vida dos povos africanos, logo a diferença quanto a formas de gozo, como fator de subdesenvolvimento, de inferioridade racial dos povos colonizados, impondo-se sua própria forma de gozo, sua língua, seus costumes. O objetivo foi promover uma normatização em termos de gozo, decorrência de um rechaço à forma do Outro de gozar.

“Há diversas formas de rejeitar a existência do gozo do Outro, como calar, excluir e, inclusive, tentar torná-lo igual, o Mesmo, através do mecanismo da assimilação — são todas as práticas do racismo” (Quinet, 2009, p. 109).

Não obstante, Lacan (1974/2003) continua sua resposta, identificando que nesse movimento de colonização estava em jogo algo do mais-de-gozar do colonizador — como ele já havia apontado no *Seminário 18* (Lacan, 1971/2009) —, e não propriamente uma ação humanitária. É importante lembrar que o neocolonialismo foi justificado pelos europeus a partir de um discurso civilizatório, de levar ao continente africano um modo de vida desenvolvido, bem como de promover a difusão do cristianismo. Lacan interroga como poder levar tal justificativa adiante — justificativa que ele ironicamente nomeou de “humanitarice de encomenda” (Lacan, 1974/2003, p. 533). Encerrando sua resposta de forma ainda mais crua, Lacan faz um último anúncio: isso levaria a fazer Deus “recuperar sua força”, promovendo um “retorno de seu passado funesto” (Lacan, 1974/2003, p. 533), ou seja, um retorno ao fundamentalismo religioso, na tentativa de promover a ideia de um Deus para controlar os diferentes modos de gozo.

Uma conclusão preliminar para o que não se encerra...

Do que foi possível recolher, podemos dizer que Freud tomou, inicialmente, o problema do ódio com aquele que é sentido como diferente — no qual poderíamos pensar a questão do racismo —, em uma perspectiva imaginária a partir do “narcisismo das pequenas diferenças”, não escapando a ele nomear a hostilidade dos brancos para com os negros. Por outro lado, reconheceu que a dimensão do narcisismo nos laços sociais precisaria levar em conta outro ponto ainda mais radical: a dimensão da agressividade, da hostilidade e do ódio como um componente do humano, fruto da força da pulsão de morte, que produz todo tipo de dominação e exploração de um povo sobre o outro. Hostilidade, odiosa e mortífera, que Freud viveu por ser um judeu, levando-o a fugir para Londres em 1938 em função da ocupação nazista na Áustria, que inclusive causou à morte de quatro de suas irmãs nos campos de concentração.

A partir do ensino lacaniano, podemos também fazer uma leitura do racismo por meio da dimensão simbólica e real. Simbólica, pois Lacan considera que o racismo se estrutura por meio de discursos, de lugares simbólicos entre senhores e escravos, que nos permitem entender como se perpetua a disparidade social e econômica entre brancos e negros no Brasil. Por outro lado, Lacan também nos ajuda a pensar o racismo por meio daquilo que toca no real do gozo de cada um. O racismo trata-se de uma repulsa, de um ódio ao Outro em sua forma distinta de gozar, estando em funcionamento algo do mais-de-gozar do racista.

Lacan, por sua vez, articulou o tema do racismo e da segregação, em uma visão quase profética e antecipatória, sobre o que poderíamos esperar a partir dos

avanços da ciência e do capitalismo. A referência lacaniana parte de uma leitura que leva em conta o antissemitismo, que culminou nos campos de concentração nazistas. Ele considera, assim, que o Holocausto é o precursor de novos processos segregatórios. Sabemos que, atualmente, a questão da segregação na Europa se coloca, sobretudo, dirigida aos imigrantes — o que atesta um racismo pós-colonial. No Brasil, por outro lado, o racismo não mudou de grupo social, pois sempre esteve dirigido à população negra, vigorando, atualmente, de forma escandalosa, por meio do genocídio dos jovens negros.

Diante disso, finalizo me apropriando da pergunta introduzida por Lacan: como nós, psicanalistas brasileiros, responderemos ao racismo e à segregação em nosso país trazida à ordem do dia? Se ainda não apresento uma resposta definitiva, ousou ao menos dizer que o psicanalista não se encontra na posição de herói que poderá livrar a civilização de seus conflitos, mas temos o dever no mundo de tentar questionar e vacilar os significantes mestres que aprisionam e subjugam os sujeitos, em uma radical oposição a toda forma de racismo. Mais ainda, temos a função de poder localizar o que está em jogo nas diversas formas de mal-estar da civilização, bem como de oferecer meios de tratar o real traumático que advém do encontro com o Outro em sua face cruel. Eis nossos desafios!

Referências bibliográficas

- Almeida, S. (2018). *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento.
- Freud, S. (1996). *O mal-estar na civilização* (J. Salomão, Trad.). In J. Strachey (Ed.), *Obras completas* (Vol. 21, pp. 67-148). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930)
- Freud, S. (1996). *Psicologia das massas e análise do eu* (J. Salomão, Trad.). In J. Strachey (Ed.), *Obras completas* (Vol. 18, pp. 79-154). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, S. (1996). *Por que a guerra?* (J. Salomão, Trad.). In J. Strachey (Ed.), *Obras completas* (Vol. 22, pp. 191-208). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1932)
- Freud, S. (2020). *Contribuições para a psicologia da vida amorosa: 3. O tabu da virgindade*. In S. Freud. *Amor, sexualidade, feminilidade: obras incompletas de Sigmund Freud* (pp. 155-178). Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1918)
- Lacan, J. (2003). *Alocução sobre as psicoses da criança*. In J. Lacan. *Outros escritos* (V. Ribeiro, Trad.) (pp. 508-543). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1967a)
- Lacan, J. (2003). *Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola*. In J. Lacan. *Outros escritos* (V. Ribeiro, Trad.) (pp. 248-264) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1967b)

- Lacan, J. (2003). O aturdido. In J. Lacan. *Outros escritos* (V. Ribeiro, Trad.) (pp. 449-497). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1972)
- Lacan, J. (2003). Televisão. In J. Lacan. *Outros escritos* (V. Ribeiro, Trad.) (pp. 508-543). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1974)
- Lacan, J. (2009). *O seminário 18: de um discurso que não fosse do semblante* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1971)
- Lacan, J. (2012). *O seminário 19: ...ou pior* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1972)
- Quinet, A. (2009). *A estranheza da psicanálise: a Escola de Lacan e seus analistas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Recebido: 23/05/2020

Aprovado: 08/02/2021